

UNIFAAT – CENTRO UNIVERSITARIO
VIVIAN HOLLO

**O CONCEITO DE LIBERDADE PARA SARTRE:
CONTRIBUIÇÕES PARA PSICOLOGIA**

ATIBAIA
2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

CURSO DE PSICOLOGIA

Termo de Aprovação

VIVIAN HOLLO

Título: O CONCEITO DE LIBERDADE PARA SARTRE: CONTRIBUIÇÕES PARA PSICOLOGIA

Trabalho apresentado ao curso de Psicologia, para apreciação do professor orientador Émerson Domingues da Silva, que após sua análise considerou o Trabalho _____, com Conceito _____.

Atibaia, SP, ____ de _____ de 201____.

Professor: Émerson Domingues da Silva

Hollo, Vivian
H689c O conceito de liberdade para Sartre: contribuições para psicologia. /
Vivian Hollo, - 2019.
35 f.; 30 cm.
Orientação: Émerson Domingues da Silva
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário
UNIFAAT, como requisito para obtenção do título de Bacharel em
Psicologia da Faculdades Atibaia, 2019.
1. Psicologia 2. Sartre 3. Liberdade 4. Fenomenologia-existencial 5.
Existencialismo I. Hollo, Vivian II. Silva, Émerson Domingues da III.
Título

CDD 150

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos que buscam desenvolver novas pesquisas na área da Fenomenologia-Existencial e a todos os autores e estudiosos que me inspiraram durante essa construção, e que buscam trazer mais estudos e pesquisas a essa área que é tão recente da Psicologia.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer a Professora Laiz Chonhfi, por ter despertado em mim um enorme interesse pela Fenomenologia e ter me mostrado que uma atuação humana e empática é possível. Agradeço também ao meu Orientador, Prof. Émerson Domingues da Silva, que me despertou o interesse por autores como Sartre e Heidegger, sempre passando seus conhecimentos e auxiliando na construção do presente trabalho.

Agradeço aos colegas de turma, que acompanharam toda minha jornada até aqui, Gabriel, Leticia e Maria Vitória.

Agradeço também aos meus pais, Eliana e Mauro, e a minha irmã Larissa, por todo apoio financeiro e emocional nesses 5 anos de formação.

Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livres. (SARTRE, 1997 p. 403)

RESUMO

O presente trabalho pretende abordar quais as contribuições de Sartre e de seu conceito de liberdade para a psicologia. Sartre era um filósofo Francês que seguia uma corrente Fenomenológico-existencial da filosofia, dessa forma será abordado também o surgimento dessa corrente filosófica e como ela se tornou tão importante para a psicologia, para o mesmo são apresentados autores como Husserl, Kierkegaard e Heidegger. O conceito de liberdade para Sartre também é apresentado, conceito que é definido por Sartre como um conceito filosófico, que não representa uma liberdade física ou ôntica, mas sim uma liberdade ontológica. A forma com que esse conceito influenciou a psicologia e como ele pode ser aplicado em um processo terapêutico também serão estudados através do conto literário de Sartre: *A Náusea*.

Palavras-Chave: Psicologia. Sartre. Liberdade. Fenomenologia-existencial. Existencialismo.

ABSTRACT

This paper intends to discuss what are Sartre and his concept of freedom's contribution to psychology. Sartre was a French Philosopher who studied and helped develop a philosophical movement called Existential-Phenomenology, it will also be addressed how this philosophical movement started and how it became so important for psychology, for that matter authors such as Husserl, Kierkegaard and Heidegger will also be studied. Sartre's concept of freedom is also presented, an idea that is defined by Sartre as a philosophical concept, which does not represent physical or ontic freedom, but an ontological one. How this concept has influenced psychology and how it can be applied in a therapeutic process will also be studied through Sartre's literary tale: *Nausea*.

Keywords: psychology, Sartre, freedom, Existential-Phenomenology, existentialism

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1. A Fenomenologia existencial: História e principais conceitos	17
2. Sartre e a Liberdade.....	24
3. A liberdade Segundo Sartre e a Psicologia	29
4. Considerações finais.....	34
5. Referências	35

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa teórica bibliográfica acerca do conceito de liberdade para Jean-Paul Sartre e suas contribuições para a Psicologia Fenomenológica.

O interesse pelo tema foi despertado na aluna desde os primeiros semestres da graduação em Psicologia, quando o filósofo foi apresentado pela primeira vez dentro da matéria de Fenomenologia. Com a grande quantidade de estudiosos dentro da Psicologia, não foi possível um estudo profundo dos conceitos *Sartreanos*, dessa forma deu-se a escolha do tema, para que seja possível um aprofundamento, para a utilização dos conceitos de Sartre na vida profissional.

Como contribuição, o tema apresentado foi escolhido pela sua grande relevância e importância para Psicologia Fenomenológica Existencial, com o objetivo de ampliar conhecimento, trazendo para prática profissional uma visão mais ampla e aberta acerca do sujeito. O autor em específico foi escolhido, pois Sartre é um dos Filósofos que aponta para a importância da máxima da fenomenologia de Husserl.

O trabalho buscará discutir algumas problemáticas: Qual o conceito de Liberdade apresentado por Sartre? Como esse conceito influenciou e influencia até hoje a Psicologia? Como o conceito de liberdade pode ser usado na Psicologia clínica?

Inicialmente é importante contextualizar e compreender um pouco da Psicologia clínica, já que esse será um assunto amplamente abordado durante esse estudo. Buscando a origem da palavra "*clínica*", é possível verificar que ela provém do grego "*kliné*", que significa "beira do leito", (SCHINEIDER, 2011) ou seja, desde seu início traz fortes influências do modelo médico na prática dessa área, sendo que seu olhar era para identificação e tratamento de doenças.

Ainda hoje é possível observar as consequências dessa influência no cotidiano da clínica, quando os pacientes vão em busca de respostas, tratamento rápido e "*cura*" para o seu mal-estar. Essa ideia aproxima o mal-estar psíquico das doenças físicas, e faz com que se espere uma resposta

rápida e eficaz. É inegável, porém, o lado positivo que essa influência teve no status social do Psicólogo Clínico. (DUTRA, 2004)

Influências à parte, a definição mais tradicional e rápida de psicologia clínica é apresentada pelo por Dutra (2004), como profissionais que se empenham em atividades como *“psicodiagnóstico e/ou terapia individual ou grupal; atividades exercidas em consultório particular, em que o psicólogo se apresenta como profissional liberal ou autônomo”* (p. 382).

Dutra (2004) aponta também para uma prática clínica mais atual, que consiste em uma visão mais ampliada acerca do contexto social, trazendo alterações na ideia de sujeito e interpretações diferentes, que busca uma interface entre a clínica e o social. Dessa forma, o referencial teórico hoje já não ocupa o espaço central da prática clínica, que passa a ser ocupado pelo compromisso ético do Psicólogo.

Considerando esclarecidos os conceitos de Psicologia clínica, é importante pensar agora no conceito da Fenomenologia em si, e o método fenomenológico, para uma compreensão mais clara dos conceitos de Sartre, pois segundo Feijoo e Mattar (2014) Sartre *“assume a defesa do projeto da fenomenologia [...] e prossegue utilizando o método em muitos de seus escritos”* (p. 442).

A fenomenologia foi idealizada por Edmund Husserl (1859-1938) e nasce através de uma inspiração de Husserl quanto ao problema da procura do *“elemento universal”* apresentado nos estudos filosóficos modernos. Ela está presente nas filosofias da existência, abordadas por autores como Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, que se inspiraram em Husserl para desenvolver seus estudos existenciais (FEIJOO & MATTAR, 2014). Já o método fenomenológico possui três momentos constitutivos: a redução fenomenológica, a descrição dos vetores internos ao fenômeno e a explicitação das experiências. Esses momentos também serão abordados durante o trabalho.

Husserl utilizou-se primordialmente dos conceitos e do método fenomenológico para uma investigação diferenciada da consciência, isso significa que ele inicialmente, suspendeu todas as teorias acerca da consciência. Após esse momento, ele busca acompanhar a própria constituição da consciência (FEIJOO & MATTAR, 2014). Traz através desse estudo o conceito de *“Intencionalidade da Consciência”*. Suas conclusões acerca dessa

constituição da consciência foram de grande contribuição para a Fenomenologia, e também para Sartre.

Segundo Feijoo & Mattar (2011), a psicologia fenomenológica é uma disciplina nova, paralela à filosófica, assim deve-se olhar a Psicologia especificamente, para a construção de um método empírico e cientificamente rigoroso.

A Psicologia tem buscado o método fenomenológico como inspiração para suas investigações, e muitos estudiosos tem se apropriado desse conceito, porém é necessário um certo cuidado ao usar esse método para a Psicologia, pois ele pode se perder facilmente dentro da Filosofia. Para que isso não ocorra a Psicologia deve se limitar e se atentar nos conceitos das reduções fenomenológica e psicológica, que consistem na suspensão de nossas crenças, para que o fenômeno não se mostre de acordo com o que esperamos, para que ele possa se mostrar em sua forma original (FEIJOO & MATTAR, 2014).

A Fenomenologia Filosófica de Husserl trouxe então grandes contribuições para uma nova visão da Psicologia, que passa a utilizar o método fenomenológico. Essa visão não é apenas uma abordagem dentro das muitas existentes na Psicologia, mas pode ser também um fundamento da psicologia científica. Ou seja, deve existir um *“esforço reflexivo pelo qual, no contato com a nossa própria experiência, elaboramos as noções fundamentais de que a psicologia se serve a cada momento”* (FEIJOO & MATTAR, 2014, p. 447).

O método fenomenológico se constitui por uma redução, uma proposta de se voltar às coisas mesmas, ao início. A proposta da volta às *“coisas primeiras”*, a ideia do retorno da subjetividade, que pode ser feita de forma cartesiana, psicológica e transcendental. (FEIJOO & MATTAR, 2014). Isso permite que o Psicólogo acesse a fenomenologia transcendental, que seria, para os Psicólogos, o início de uma investigação dos fenômenos existenciais com base na fenomenologia. Será então, com essa base que a presente monografia será realizada.

Sartre apresenta também a sua ideia de uma fenomenologia ontológica, busca trazer uma *“teoria geral do ser”*, com as influências já citadas da fenomenologia de Husserl e o existencialismo de Kierkegaard e Heidegger. Em busca de suas definições acerca do ser, apresenta o conceito de *ser-em-si* e

ser-para-si, trazendo uma dualidade ontológica. Sartre parte da premissa de que a consciência é consciência de alguma coisa, e define o *ser-para-si* como a consciência, e o em si o que está externo a essa consciência, o que se apresenta para ela (RENAUD, 2013).

Com as definições de Fenomenologia e Clínica feitas, é importante pensar agora no contexto Histórico em que Sartre estava inserido, pensando em sua História pessoal, suas obras e alguns dos conceitos trazidos por ele.

Jean-Paul Sartre foi um escritor e filósofo francês nascido em Paris no ano de 1905, onde também faleceu em 1980. Mudou-se para La Rochelle ainda jovem e teve contato com a burguesia, que viria a satirizar em várias obras. Formado em Filosofia, atuou como professor em *Harvre*. Em 1983 publicou um ensaio filosófico chamado de "*L'imagination*", sob a influência de Husserl e a partir disso se dedicou a estudar a Fenomenologia. (SARTRE, 1983)

Tendo como motivação de sua vida a intelectualidade, Sartre foi criado com essa linha por seu avô, o que lhe permitiu o horizonte de possibilidades de ser um escritor. Sartre começou sua escrita com apenas 10 anos de idade, e já tinha certo o que queria fazer, sempre com o foco em sua escrita, mesmo quando prisioneiro de guerra. (SCHINEIDER, 2011)

Um intelectual rigoroso, Sartre leu e discutiu autores que eram referência nas áreas da filosofia, epistemologia, psicologia na primeira metade do século XX (SCHINEIDER,2002). Sartre buscava responder dilemas importantes e muito abordados na época, que de um lado tinham o Idealismo e o Racionalismo e do outro o Materialismo e o Positivismo.

Sartre é comumente associado à sua imagem e contribuição filosófica, mas foi também um pesquisador sistemático da psicologia. No que tange a Psicologia clínica, a proposta de Sartre é de uma psicologia e metodologia fenomenológico-existencialista (SCHINEIDER,2002).

O interesse pela Psicologia apareceu para o filósofo por diversos motivos, entre eles, o seu repúdio aos hábitos e valores da sociedade burguesa, como uma rejeição a moral e a lógica psicológica que sustentava a sociedade nos anos de 1920. Sartre apresentava a necessidade de ir além das "*concepções filosóficas, antropológicas e psicológicas que embasavam a racionalidade dominante.*" (SCHINEIDER, 2011, p. 65)

Outros fatores que influenciaram seu interesse, foram os equívocos que, em sua visão, existiam nas teorias Psicológicas da época em que ele estudava Filosofia. Através do estudo dessas teorias, Sartre teve interesse em criar uma psicologia que viria em oposição àquelas que apresentavam conceitos que de um lado eram abstratos e fora da realidade, e de outro lado, mecanicistas e causalistas. (SCHINEIDER, 2011)

Esse seu interesse pela psicologia e essa forte oposição as teorias da época, o coloca nos trilhos da Fenomenologia, com fortes influências de Edmund Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976).

Segundo Schneider (2006) Sartre apresenta um olhar psicológico totalmente opostos aos apresentados anteriormente pela Psicologia e a Psicanalise, colocando em xeque questões como:

1) a perspectiva subjetivista, na qual tudo se resolve 'no mundo interno do sujeito'; 2) a perspectiva mentalista, que entende esse mundo interno substancializado em uma estrutura mental que, uma vez constituída, ganha motor próprio; 3) a concepção metafísica do psiquismo, como vemos aparecer nos conceitos da metapsicologia freudiana. (SCHINEIDER,2006, p.3).

A concepção metafísica a que Sartre se refere é a de explicar ações e decisões através do conceito já popularizado e apropriado pelo senso comum dos "Mecanismos *Inconsciente*" (SCHINEIDER,2006), apresentado por Freud em sua teoria Psicanalista.

Sartre apresenta fortes críticas ao método da psicanalise, mas não descarta a importância da história e família de cada indivíduo, apenas afirma ser possível integrar isso a uma visão Existencialista. Dessa forma, Sartre propõe um olhar novo e diferente, com o objetivo de ampliar a visão acerca do sujeito sem fechar suas possibilidades (SCHINEIDER, 2006).

Também serão abordadas e analisadas mais profundamente durante esse projeto as fortes e longas críticas feitas por Sartre acerca da Psicanalise e dos conceitos Freudianos, pois é também dessa forma que Sartre apresenta suas propostas e contribuições para a Psicologia.

Alguns conceitos de Sartre serão importantes durante o decorrer desse estudo, porém o que será mais amplamente abordado será a sua definição de homem enquanto liberdade, que foi um dos grandes objetivos de suas obras. Essa definição é um conceito que engloba o compromisso ontológico e político, colocando o indivíduo como sujeito de sua própria História e também como

sujeito da história da humanidade. Ou seja, o sujeito faz parte da constituição da realidade humana, da mesma forma que a realidade humana faz parte de sua constituição, em uma relação dialética (SCHINEIDER, 2006).

A constituição do ser como definido e definidor da realidade em que vive, é importante para pensar que o homem é liberdade, pois a realidade não se define por si só, não é um si mesmo (SCHINEIDER, 2006). Saímos dessa forma da ideia passada pelo senso-comum, da liberdade como um algo que deve ser atingido, que deve ser buscado, pois para Sartre, a liberdade faz parte da existência humana. Essa liberdade não é um ser externo e separado do homem, ela é parte constituinte dele.

Dessa forma, o homem não pode ser por vezes livre e por vezes escravo, ou ele é livre, ou não é. O homem constitui-se, ele precisa fazer-se, não pode simplesmente ser, como um objeto inanimado por exemplo. Dentro de suas ações ele se constitui e se forma dentro de suas escolhas. A presença do ser no mundo denota uma ação constante do sujeito, e a escolha é uma ação (SCHINEIDER, 2006).

Essas escolhas, porém, não são determinantes para a existência do homem como liberdade, pois um animal, por exemplo, também pode escolher entre o ir e não ir, uma refeição ou a outra. A escolha do homem transcende essas escolhas, por ter um campo de possibilidades de ser apontando um futuro a se realizar. Ou seja, tem dentro de suas possibilidades um projeto de ser que o se concretiza no mundo como um desejo de ser (SCHINEIDER, 2006).

Esse projeto de ser que determina as escolhas de cada sujeito. Sartre (Apud SCHINEIDER, 2006) coloca como exemplo uma excursão a pé com várias pessoas, uma desiste por conta do cansaço, porém outras pessoas também poderiam estar fadigadas, mas continuam a trajetória, o que demonstra que as pessoas suportam desgastes diferentes e o que as faz agir diferente é justamente o projeto de ser de cada um. O projeto de ser dessas pessoas pode ser o mais variado, mas esse projeto as faz seguir em frente mesmo diante da fadiga.

Dessa forma, quando um ser pode escolher realizar seus projetos, ele é livre, porém não basta imaginar esse projeto, é necessário que o ser tome ações no mundo para alcançar esse projeto. (SCHINEIDER, 2006).

A liberdade não é, então, apenas a liberdade de dizer o que se quer, e sim de tomar as ações para que isso se faça verdade no mundo. Dentro de sua relação dialética com o mundo, a ação do ser o coloca em determinada direção. (SCHINEIDER, 2006).

O posicionamento de Sartre se opõe ao que se é até hoje apresentado na linguagem de desconhecedores de sua teoria, pois afirma que o ser livre não está relacionado com o ter aquilo que se deseja, e sim a possibilidade de se determinar a desejar aquilo (SCHINEIDER, 2006). Dessa forma, o conceito de liberdade diz respeito àquilo que é ontológico, a escolha de ser.

Dessa forma, homem e liberdade não se separam, estão sempre vinculados um ao outro, são a mesma coisa dentro da filosofia Sartreana. Isso traz ao ser uma condenação, o ser é condenado a ser livre (RENAUD, 2013).

É apresentado por Sartre no conto O Muro (1973) um exemplo que define a angústia e a condenação a essa liberdade, onde disserta sobre a decisão de suportar uma dor por seus ideais, se o seu *projeto de ser* está tão presente dentro dele que preferirá morrer a abrir mão daquilo, ou se contará o que sabe aquele que o está torturando.

Essa liberdade está na impossibilidade de não escolher, pois para Sartre, o não escolher também é uma escolha. A liberdade não escapa do mundo, se relaciona sempre com ele, e ganha sua delimitação na situação. Isso traz que o sujeito só pode escolher dentro de determinadas situações e condições, e que a liberdade é a escolha que se faz dentro de uma determinada situação em específico, por exemplo (SCHINEIDER, 2006).

Dessa forma, mesmo dentro de uma escolha alienada pelo social ou pela situação do ser, a liberdade ainda tem o seu compromisso ontológico, mesmo dentro dessa alienação, o sujeito ainda pode escolher o que ele é e o que ele será, pois, a escolha feita compromete o seu "*seu ser em um devir*" (SCHINEIDER, 2006). Ou seja, sujeito é sempre responsável pelo seu ser, mesmo que em situações extremas. Não existe no ser maneira alguma de fugir da liberdade, mesmo que em uma alienação profunda ou em uma situação adversa. Por maiores que sejam as determinações do ambiente, o sujeito é sempre ativo em suas ações e decisões, e pode fazer algo daquilo foi feito dele.

O presente estudo apresentará três capítulos, sendo que o primeiro abordará os conceitos da Fenomenologia-Existencial dentro do contexto Psicológico. O segundo capítulo abordará Sartre com foco no conceito de liberdade. O terceiro capítulo será focado nas contribuições de Sartre e de seu conceito de liberdade para Psicologia, apresentando um estudo de caso.

Dessa forma, o primeiro capítulo apresentará conceitos a cerca da Fenomenologia-Existencial, com seus referenciais teóricos como Kierkegaard, Husserl e Heidegger. O foco será trazer conceitos dentro da psicologia, buscando diferenciar os conceitos Filosóficos dos Psicológicos.

O Segundo capítulo tratará dos conceitos Sartreanos, mais especificamente do conceito focal desse estudo, o conceito de liberdade. Sartre traz uma “condenação à liberdade”, ou seja, nós sujeitos somos condenados a ser livres. Esse conceito será explorado durante esse capítulo, pensando em seu contexto e explorando melhor as obras de Sartre.

Como fechamento teórico, serão abordadas especificamente as contribuições dos conceitos de Liberdade no tratamento Psicológico, apresentado a análise de um caso literário de Sartre, chamado “A náusea” (SARTRE, 1983).

1. A Fenomenologia existencial: História e principais conceitos

Conforme abordado durante a introdução, o presente capítulo é dedicado ao estudo da História e de alguns conceitos da fenomenologia-existencial, para que seja possível uma compreensão mais clara de como o pensamento de Sartre foi influenciado por essa abordagem. O objetivo será trazer um breve histórico cronológico de como esse pensamento surgiu e como se transformou na Fenomenologia-existencial que conhecemos hoje. Para que a compreensão seja clara, abordaremos brevemente quatro dos principais autores dessa abordagem, sendo eles Søren Kierkegaard (1813-1855), Edmund Husserl (1859-1938), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980).

Seguindo essa linha histórica, abordaremos brevemente como surgiu o pensamento existencialista, através de Kierkegaard que segundo Penna (1985) *“é considerado uma das mais significativas fontes do pensamento existencial contemporâneo, quer na psicologia, quer na psiquiatria”* (p. 14).

Kierkegaard nasceu em 1813 na cidade de Copenhague – Dinamarca, e faleceu em 1855, no mesmo local. Kierkegaard não era professor, psicólogo ou Médico, não se enquadrando nas profissões que conhecemos hoje, era um autor, que ia contra títulos e estigmas e atuava de maneira enigmática. Kierkegaard influenciou filósofos e autores importantes, tais como Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty e até mesmo Jacques Lacan (ALMEIDA & VALLS, 2007).

Feijoo (2007) afirma, em seu estudo sobre a clínica da Psicologia na Filosofia de Kierkegaard, que o autor era amplamente conhecido por fazer duras críticas e sátiras ironizando líderes políticos e religiosos, dessa forma ganhou inimigos e passou a ter seu trabalho desvalorizado. Para que pudesse disseminar sua teoria sem o peso de seu nome, passou a adotar o uso de pseudônimos, para que a sociedade não soubesse que era ele quem escrevia, e pudesse ler suas teorias livre dos preconceitos já impostos acerca de seu nome e seus pensamentos.

Segundo Almeida e Valls (2007), estudar as obras e conceitos de Kierkegaard não é uma tarefa simples, justamente em função de seus diversos pseudônimos e as diferentes estratégias que usava para disseminar suas

teorias. Sendo assim, muitas de suas obras têm particularidades na escrita, podendo conter contradições feitas propositalmente, como uma estratégia para que suas obras não fossem doutrinadas.

O pensamento existencialista surgiu, segundo Feijoo (2007), por uma forte preocupação expressa por Kierkegaard sobre o rumo que a sociedade estava tomando. O autor se preocupava com o fato de que as pessoas estavam perdendo sua individualidade para um coletivo, e acreditava que isso poderia ter fortes consequências para o indivíduo. Atribuía essa perda da individualidade a forma sedutora como a imprensa traçava suas estratégias.

Outra preocupação expressa por Kierkegaard era a de que a predominância da estética e a obtenção do prazer acima de tudo acabariam por levar o homem a um adoecimento. Sua escrita, foi o meio encontrado por ele para fazer com que o homem refletisse sobre sua existência, pensasse sobre sua individualidade, para isso o uso de pseudônimos o ajudou, pois podia criar personagens de diversas classes e diversas funções sociais para que o leitor entrasse em contato com aquilo que tinha interesse em ouvir (FEIJOO, 2007).

Para traçar uma estratégia de escrita e saber a qual público se dirigia e as diferentes maneiras de escrever para cada um deles, Kierkegaard teoriza três referências através das quais o homem pode fazer suas escolhas existenciais, podendo ser Estéticas, Éticas e religiosas (FEIJOO, 2007). O Modo Estético de existir seria voltado um modo interno, com decisões baseadas no prazer, sem considerar o outro. A forma Ética seria assumir a responsabilidade por suas decisões, pensando em suas consequências e considerando o justo e o certo. O modo religioso, segundo Feijoo “*o homem prioriza a humildade e a entrega a desígnios sobre os quais não se tem controle dos consequentes*” (2007, p. 112). Esses três conceitos foram grandes influenciadores na construção do Existencialismo, pois influenciaram diretamente a forma como Kierkegaard construía sua teoria e sua forma de escrita, diferenciada para atingir cada um desses tipos de existência.

Um outro conceito de grande importância abordado por Kierkegaard é o da angústia. Que para ele é algo intrínseco em todos os seres humanos, como algo pertencente a existência. Esse conceito é explicado por Penna, (1985):

Na verdade, todos os seres humanos se revelam angustiados tanto quanto, por igual, se revelam em desespero. Mas há uma diferença essencial entre esses dois estados. O desespero relaciona-se com o fracasso e dele resulta. Vincula-se, portanto, à frustração. A angústia, ao contrário, precede a falta ou o pecado e se relaciona com a possibilidade e com a liberdade. Ela produz-se mesmo como decorrência da possibilidade da liberdade e se propõe ainda como expressão da perspectiva do nada. (p. 12)

Através desse conceito, vemos que as questões sobre liberdade e as possibilidades do ser já aparecem para Kierkegaard, antes de serem abordadas por Heidegger e Sartre, pois Kierkegaard foi o grande influenciador dessas reflexões acerca do modo de existir como possibilidade.

Ainda segundo Penna (1985), a Psicologia Existencial de Merdard Boss e L. Binswanger foi fortemente influenciada por Heidegger, que por sua vez, foi amplamente influenciado por Kierkegaard. Dessa forma, é possível compreender o forte alcance da teoria e dos conceitos de Kierkegaard para a compreensão dos conceitos que são abordados nesse estudo.

Com a contextualização do início do pensamento existencialista feita, é importante pensarmos agora na fenomenologia de Edmund Husserl, que nasce em meio a um contexto diferente, porém se assemelha ao existencialismo no que diz respeito ao seu caráter crítico. Se o Existencialismo de Kierkegaard traz uma preocupação quanto ao rumo em que o homem estava tomando, a fenomenologia de Husserl traz um olhar de preocupação para o rumo que o pensamento filosófico estava tomando. Diferente de Kierkegaard, Husserl usa essa filosofia como inspiração, usando o problema da procura do “*elemento universal*” (FEIJOO & MATTAR, 2014) apresentado em estudos filosóficos modernos.

Conforme apresenta Goto (2008), Edmund Husserl nasceu em uma cidade da Morávia, região onde hoje está localizada a República Checa, em 1859 e faleceu em 1938 na Alemanha. Inicialmente, seus estudos foram voltados para Matemática (1878), e posteriormente se graduou em Filosofia (1884).

Com influências da Matemática e da Filosofia, Husserl discorreu sobre a Fenomenologia em seus estudos, e é o criador do Método Fenomenológico,

que teve grande influência na Psicologia Fenomenológico-Existencial (FEIJOO & MATTAR, 2014).

Para compreendermos os conceitos apresentados por Husserl acerca da Fenomenologia, é importante compreender a Etimologia do termo, que segundo Goto (2008) provém de duas palavras gregas, sendo elas *Phainomai* que significa brilhar, aparecer mostrar-se e *Logos*, que significa discurso, descrever. Já Dartigues (1992) define a fenomenologia como “o estudo ou a ciência do fenômeno. Como tudo o que aparece é fenômeno, o domínio da fenomenologia é praticamente ilimitado e não poderíamos, pois, confiná-la numa ciência particular” (p.1). Dessa forma o termo Fenomenologia não é restrito apenas a Psicologia ou a Filosofia, ele pode ser utilizado em diversas áreas. Porém, ainda segundo Dartigues (1992), Husserl “deu um conteúdo novo a uma palavra já antiga” (p. 2), ou seja, trouxe um novo significado ao termo anteriormente mencionado.

Esse novo conceito apresentado por Husserl, propõe uma fenomenologia que se faz por vezes de uma ontologia, pois conforme apontado por Dartigues (1992) “segundo Husserl o sentido do ser e o do fenômeno não podem ser dissociados” (p. 3), assim Husserl busca trocar olhares anteriores limitados pela ideia de uma “ontologia impossível” e outra que transcende e suga a fenomenologia, para apresentar um olhar para uma fenomenologia que traz a ciência do ser à sua maneira ontológica.

Conforme já mencionado anteriormente, segundo Feijoo & Mattar (2014), a Fenomenologia “nasce de uma inspiração de Husserl frente ao problema da busca do elemento universal presente nas filosofias modernas” (p. 442), essas filosofias partiam do pressuposto da existência de uma verdade essencial, ou seja, os estudos partiam de uma ideia inicial, uma verdade absoluta e universal sobre as coisas. A busca por um elemento universal trazia o objetivo de encontrar respostas e de que existiam pessoas detentoras dessas respostas. A fenomenologia traz então a proposta da “*volta às coisas mesmas*”, com o objetivo de não estigmatizar conceitos através de outros conceitos, e sim estudar o ser e o mundo em sua forma inicial, livre de pré-suposições e respostas já prontas. A busca da Fenomenologia não é a de encontrar respostas para existência, e sim a de olhar o mundo de forma limpa, com o objetivo de estudá-lo e compreendê-lo em sua essência.

Para que essa compreensão pudesse acontecer da forma que Husserl imaginava, ele criou o método fenomenológico, importante conceito adotado por diversos pesquisadores da Psicologia Fenomenológica-existencial, e também por grandes filósofos influenciadores da Psicologia, como Heidegger e Sartre (FEIJOO & MATTAR, 2014). O método fenomenológico consiste então em uma

Atitude fenomenológica, por meio da suspensão das hipóstases, que pretende alcançar aquilo que subjaz a determinação das coisas. Refere-se à hipóstase realista como um modo de pensar as estruturas como reais e que possuem determinações que podem ser alcançadas pelo método, e à hipóstase idealista como sendo atitude em que se acredita que a determinação das coisas se encontra na interioridade do sujeito que conhece. (FEIJOO & MATTAR, 2014, P. 443)

Sendo assim, o método desenvolvido por Husserl possui três momentos constitutivos: a redução fenomenológica, a descrição dos vetores internos ao fenômeno e a explicitação das experiências.

Husserl utiliza esse método para estudar a consciência, muito estudada e mencionada por teóricos de sua época, como Freud, por exemplo, que traz a ideia do inconsciente. Esses estudos e seus resultados são questionados por Husserl por trazerem ideias já formadas e carregadas de influências, baseadas em hipóstases. Através do método fenomenológico, ou seja, de uma volta à consciência em si, Husserl traz o conceito de intencionalidade da consciência (FEIJOO & MATTAR, 2014). Isso significa que a consciência precisa de um objeto e o objeto precisa da consciência para existir, fazendo com que toda consciência seja consciência de alguma coisa.

Um dos autores mais influenciados pelo método Fenomenológico e pelo estudo da consciência feito por Husserl foi Heidegger que começa suas pesquisas se apropriando principalmente da redução fenomenológica e do estudo da consciência através do abandono de qualquer referência (FEIJOO & MATTAR, 2014).

Martin Heidegger é conhecido por sua originalidade e sua importância para a filosofia do século XX. Heidegger nasceu no ano de 1889 em Meßkirch na Alemanha e faleceu em 1976, também na Alemanha. Seu livro mais

conhecido foi o *Ser e Tempo* (1927), considerados uma das obras centrais da filosofia do século XX. Com o objetivo de ser padre, estudou teologia e filosofia escolástica pela Universidade de Freiburg, onde teve os primeiros contatos com Husserl, em 1919 rompe com a igreja Católica e passa a se dedicar integralmente a filosofia. (INWOOD, 2004).

Sua obra *ser o tempo* (1927) é dedicada a Husserl, por afirmar ter sua fenomenologia como base e caminho para investigação do ser. Com forte influência dos conceitos de Husserl, Heidegger usa do método fenomenológico para “buscar o sentido do ser na forma em que este se dá diretamente e imediatamente, ao seu modo” (FEIJOO, 2010, p.37). Para Heidegger o método irá além do que já foi trazido por Husserl, pois também será uma busca no sentido das coisas.

Com essa busca Heidegger apresenta o conceito de hermenêutica, trazendo a ideia de deixar que o ser se mostre ao seu modo. A ideia de hermenêutica surge no início de seus estudos, quando segundo Feijoo (2010) “pretendia saber da relação entre a fala e o ser” (p. 41). Essa ideia torna-se uma hermenêutica filosófica, usada por Heidegger para estudar como a humanidade se perdeu na modernidade e qual o seu sentido estando perdida.

Para entender esse conceito, Feijoo (2010) explica sua origem:

No sentido originário, hermenêutica vem de Hermes, deus grego que não tinha casa, habitava a casa do outro. É pertinente lembrar que não ocupava, e sim habitava. Hermenêutica, no seu sentido mais próprio, significa captar uma interpretação dada por alguém ou uma situação, sem alterar-lhe o sentido. (p. 42)

Essa forma de “habitar” o mundo do outro foi e é amplamente utilizada na Psicologia fenomenológico-existencial, pois através dele, o terapeuta pode ter uma escuta livre e aberta, buscando compreender de forma limpa aquilo que o paciente apresenta, sem ocupar o seu mundo, e sim o habitando (FEIJOO, 2010). Sendo assim, a busca do terapeuta seria a de compreender aquilo que se apresenta para poder interpretar ao modo do indivíduo, e não ao modo do terapeuta.

É com essa investigação Hermenêutica e Fenomenológica que surge em Heidegger o conceito de *Dasein*, apropriado posteriormente por autores como

M. Boss e L. Binswanger. *Dasein* significa em sua tradução o “ser-ai” que para Heidegger viria para substituir a palavra sujeito, para trazer a esse a ideia de um ser que simplesmente é. Um ser que é no mundo e que não vem carregado de substâncias, mas vem como modo de ser (FEIJOO, 2010).

Heidegger busca em Husserl seu método e a investigação da consciência trazendo a fenomenologia para seus estudos, mas é em Kierkegaard que surge, conforme já colocado, a inspiração para reflexões de elementos construtivos da existência (FEIJOO, 2010), dessa forma é com o método de Husserl e as reflexões de Kierkegaard que surge a fenomenologia-existencial.

2. Sartre e a Liberdade

Durante os capítulos anteriores, foram brevemente apresentadas as construções históricas e as concepções filosóficas acerca da Fenomenologia e do Existencialismo, citando autores que influenciaram diretamente a construção da teoria sartreana, teoria essa que será estudada durante esse capítulo, com o foco no conceito de liberdade. Conforme mencionado na introdução, Jean-Paul Sartre foi um escritor e filósofo francês nascido em Paris no ano de 1905, onde também faleceu em 1980. Formou-se em filosofia e ministrou aulas em Universidades Francesas (SARTRE, 1983).

Sua primeira publicação com viés Fenomenológico, influenciada por Husserl, foi o ensaio filosófico "*L'Imagination*" onde o autor busca estudar o conceito de consciência com base no método fenomenológico, desconstruindo a visão de um conceito para enxergá-lo livre de pré-conceitos filosóficos. Sobre esse estudo, segundo Kawahala & Soler (2017)

É preciso deixar claro que a consciência a qual Sartre se refere está inscrita no projeto existencialista de sua ontologia fenomenológica, no sentido de compreendê-la não como um mero efeito cognitivo, mas sim como algo relacionado à intencionalidade já que ela se apresenta como movimento pré-reflexivo anterior ao próprio pensar. Nesse sentido, pode-se destacar que a intenção de Sartre em *A Imaginação* consiste em explicitar a dimensão ontológica na qual o Ser é aquele que possui consciência da sua existência. (p. 01)

Através desse primeiro ensaio, fica claro a influência de Husserl desde as primeiras obras de Sartre e já é possível perceber que seus estudos seguirão o rumo da fenomenologia. O estudo da consciência é também de extrema importância para a Psicologia e já haviam sido feitos pelo próprio Husserl. Sartre traz a consciência como algo que define o ser, pois considera ser aquele que tem consciência de sua existência (KAWAHALA & SOLER, 2017).

É com essa reflexão que Sartre apresenta um conhecido conceito de suas obras, o de ser-em-si e ser-para-si, que traz uma dualidade ontológica. A premissa de Sartre é a de que toda consciência é consciência de algo, de alguma coisa. O ser-para-si é definido como a consciência, e o ser-em-si seria

o que está externo a essa consciência, o que se mostra para ela (RENAUD, 2013).

Dessa forma, Sartre se apoia no existencialismo e na fenomenologia para construir seus conceitos, porém segundo Schineider (2002), leu, estudou e discutiu diversos filósofos que eram referência em sua época e as influências iniciais da filosofia. O filósofo escolheu essas duas áreas por identificar uma visão crítica, buscando trazer um novo olhar para a filosofia, um olhar livre dos conceitos já pré-estabelecidos há séculos. Sartre traz essa visão crítica sobre dilemas nas diferentes áreas da filosofia, como o Idealismo, Racionalismo, Materialismo, Positivismo. Através dessas críticas e de suas buscas, passa a pesquisar sistematicamente a Psicologia e os conceitos que a cercavam em sua época.

É através dessa reflexão que Sartre começa a apresentar suas críticas a Psicologia de sua época, pois argumenta que as teorias estão presas no mundo das essências e sua ideia é apresenta-las dentro do campo existencial. Ou seja, para ele “não se trata somente de perceber o sujeito como *ser-no-mundo*, mas compreender que este sujeito é um ser que representa o mundo e a si mesmo” (KAWAHALA & SOLER, 2017, p.02).

Na Psicologia, Sartre traz duras críticas aos hábitos e valores da classe burguesa que sustentavam as ideias Psicológicas mais recentes. Ele apresenta essas ideias como limitadas e limitantes da essência humana, e estuda a necessidade de ir além dos conceitos filosóficos que são dominados pela racionalidade e podem acabar limitando aquilo que é original, ou seja, a essência. Foi através do estudo desses conceitos que Sartre buscou uma psicologia que viria em oposição àquelas que apresentavam conceitos que de um lado eram “abstratas e despregadas da realidade e, de outro, mecanicistas e causalistas” (SCHINEIDER, 2011, p. 65).

Por meio desses estudos e de suas críticas, Sartre começa a escrever a respeito de diversos conceitos da filosofia, através de uma visão existencial-fenomenológica na busca de trazer esses conceitos de volta as coisas mesmas. Um desses conceitos foi o de liberdade. Segundo Mézáros (2012) a preocupação com a liberdade está presente a todo o momento nas publicações de Sartre, sendo que chamou suas obras e publicações literárias de “os caminhos da liberdade” (p. 16).

Com a ideia de trazer as coisas de volta a elas mesmas, Sartre busca sair da ideia de liberdade apresentada pela filosofia e pela sociedade de sua época, buscando sair do senso-comum que traz a liberdade como um algo que deve ser atingido, que deve ser buscado. Sartre apresenta a liberdade como algo constituinte do ser, não como algo externo a ele. Isto é, a liberdade faz parte da existência humana. Essa liberdade não é um ser externo e separado do homem, ela é parte constituinte dele. Para tanto o homem não pode ser por vezes livre e por vezes escravo, ou ele é livre, ou não é (SCHINEIDER, 2006).

Em sua obra “O ser e o nada” Sartre fala sobre uma liberdade abstrata e uma liberdade concreta, onde ter, fazer e ser são “categorias cardeais da realidade humana, que permitem clarificar a conduta do para-si buscando, incessantemente, ser um em-si-para-si” (RENAUD, 2013, p. 294). Para Sartre o agir é uma expressão pura de liberdade, ela não tem uma essência, pois determinar uma essência para liberdade seria determinar o que ela é, e isso não seria fenomenológico, visto que Sartre traz duras críticas a qualquer forma de determinismo. Para Sartre liberdade e o homem não são duas coisas diferentes, liberdade e homem são a mesma coisa, conforme citado por Sartre:

A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da realidade humana. O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu ser-livre (SARTRE, 1997, p.68).

Sartre apresenta o agir como condição diretamente ligada ao homem, dessa forma está também diretamente ligada à liberdade. Dentro de suas ações e escolhas o homem é livre, isso gera uma responsabilidade em todas as ações e decisões, pois elas implicam em consequências, e como essas consequências vêm através de suas escolhas, o homem está condenado a elas (RENAUD, 2013). Estaríamos então condenados dentro de nossa liberdade, condenados a ser livres, pois a liberdade não é uma escolha.

Em muitas de suas obras Sartre diferencia a liberdade ôntica da ontológica, pois para ele o ser não precisa estar livre fisicamente para ser livre de forma ontológica, pois a liberdade física não limita a liberdade do ser, a liberdade ontológica. Um homem que está em uma prisão não é menos livre do

que um homem que vive em liberdade na sociedade. A perda da liberdade de ir e vir fisicamente não tira do ser a liberdade de escolher e de se implicar com suas escolhas, pois nada pode tirar essa possibilidade de escolha, já que a liberdade é uma condição humana, ontologicamente o homem não deixará de ser livre.

De forma mais clara, esse conceito é apresentado em um conto que Sartre intitula de O Muro (1973), onde apresenta um dilema existencial de ser prestes a ser morto e a dualidade entre suas escolhas de falar e poder ser livre ou de se manter passivo e poder ser condenado à morte (SARTRE, 1973).

A busca pela liberdade trazida nas obras de Sartre visa dar condições para que o homem assumisse a responsabilidade pela sua própria vida e por sua história. Nessa linha, Sartre fala sobre o “projeto de ser”, que seria quando o ser se reconhece dentro de suas escolhas e assume essas escolhas, reconhecendo como suas (RENAUD, 2013).

Sartre trás essa reflexão em seu primeiro romance intitulado de A Náusea (1983). Nesse romance o personagem Roquentin relata momentos de seu dia-a-dia e como de maneira inesperada e aleatória a sensação descrita por ele como náusea aparece. O personagem passa a se olhar no espelho e não se reconhecer, o que coloca sua existência em questão. Quem era ele afinal? Segundo Schneider (2006) essas queixas e questionamentos são comuns na clínica psicológica e normalmente trazidas por pacientes para serem tratadas em Psicoterapia. Dessa forma, Sartre já está engajado a compreender as queixas trazidas pela sociedade de sua época, como a perda do sentido do ser.

A questão do que fazer com o ser aparece como uma consequência da liberdade, pois se ser e liberdade são a mesma coisa e a responsabilidade sobre o meu ser é unicamente minha, ninguém além de mim pode me determinar, conforme expressa Schneider (2006),

O que fazer do seu ser? Questiona-se Roquentin. Ninguém, nem coisa alguma, irá lhe dizer ou lhe determinar a ser. A definição de si próprio depende de seu movimento no mundo, do que ele deseja realizar. Está, pois, livre e só. (p.57)

Roquentin passa por diversos momentos durante a obra, busca questões do passado, reencontrando antigos amores e mudando de cidade, relatando diversos momentos de sua vida. Ele trata seu passado e traz à tona questões não resolvidas, que fazem com que ele entenda que não é isso que o causa a Náusea, mas sim uma falta de definição de si mesmo em sua história, um não reconhecimento de seu ser e uma falta de reconhecimento no tempo. As suas questões são resolvidas, segundo Schneider (2006), quando “consegue unificar sua história em um projeto, totalizar passado/presente/futuro, ganhando consistência ontológica e, assim, sentido em seu ser” (p. 59). Roquentin assume para si sua história e seu projeto de ser, assumindo conseqüentemente sua liberdade e ter consciência dessa liberdade, faz com que ela não sinta mais “a náusea”.

O romance “Huis Clos”, traduzida para o português como “Entre Quatro Paredes” apresenta outra questão acerca da liberdade: O olhar do outro. Na obra, três pessoas que não se conheciam em vida, morrem e se encontram trancadas em um quarto. Elas contam suas histórias de vida, e recebem o julgamento uma da outra, o que leva um dos personagens a concluir que “o inferno são os outros” (Sartre, 1973, p. 92). Somos sim livres, e essa liberdade é parte inseparável do ser, mas sofremos com o olhar e o julgamento do outro. Segundo Sartre é esse olhar e esse julgamento que nos trás sofrimento, e não a falta de liberdade.

Sendo assim, o ser e liberdade são a mesma coisa, são indivisíveis, e a liberdade para Sartre vai além de um conceito pré-determinado, ela simplesmente é, assim como o ser. Questões como não assumir para si seu projeto de ser e se limitar dentro do olhar do outro, podem fazer com que o ser não assuma para si sua liberdade, o que não faz com que ele deixe de ser livre ((RENAUD, 2013).

3. A liberdade Segundo Sartre e a Psicologia

Durante esse capítulo abordaremos o conceito de liberdade para Sartre voltado à prática psicológica do dia-a-dia. Com essa ideia, Schneider (2006) apresenta como objetivo da Psicologia Sartreana, “Decifrar o nexos existente entre os diversos comportamentos, gostos, gestos, emoções, raciocínios do sujeito concreto, ao extrair o significado que unifica de cada um desses aspectos em direção a um fim” (p. 54).

Para Sartre, essa unificação forma um “projeto de ser”, que indicará os movimentos de cada indivíduo no mundo. Para que essa investigação possa acontecer do modo proposto por Sartre, é preciso considerar a dualidade do ser, pensando em sua dialética social de constituir e ser constituído pelo meio em que vive. Ou seja, é necessário considerar fenômenos originais da personalidade do indivíduo, pensando também em sua história e seu contexto, devendo assim tomar uma “dimensão subjetiva e objetiva” (SCHNEIDER, 2006, p. 53).

Sartre apresenta suas ideias filosóficas de diversas formas e abrangendo diversas áreas, indo de um método complexo até uma forma descontraída e literária de trazer suas reflexões. Segundo Schneider (2006) essa forma de escrita vem de uma busca de Sartre pelo engajamento, o que o faz trazer diferentes formas de defender suas teorias e pensamentos, pensando sempre em atingir o maior número de pessoas possível, para que todos, do leigo ao filósofo, possam também refletir ao seu modo. Schneider (2006) ainda coloca sobre a forma de Sartre se expressar:

Seus romances e peças teatrais são, portanto, fios condutores para a sua filosofia, colocando à disposição do público leigo o acesso a uma nova forma de pensar, de compreender o mundo e as relações. Para Sartre, trata-se de alterar a racionalidade ocidental, presa a valores pequeno-burgueses, a dogmas deterministas, através dos quais o homem é submetido a uma moral dada “a priori”, não lhe sendo permitido realizar sua condição de sujeito da história. (p. 51)

Com essa forte ideia de trazer uma linguagem mais acessível, Sartre também escreve de forma técnica, por acreditar ser necessário em algumas situações. Assim, todo ensaio ou peça de Sartre traz também um texto técnico

que o complementa (SCHNEIDER, 2006, p. 53). A escolha de um romance se deu pelo fato de que Sartre não era psicólogo e não atuou clinicamente, mas fazia seus estudos e apresentava suas ideias através da literatura e romances.

Através desse pensamento, o objetivo desse capítulo será o estudo de seu romance “A náusea” que, segundo Schneider (2006), realiza esse fluxo entre a filosofia e a literatura, ou seja, entre suas teorias e práticas do cotidiano. Do Francês “La Nausée”, esse é a primeira publicação de Sartre no formato romance, e segundo Schneider (2006) Sartre,

Começara a redigi-lo em 1931, passando por diferentes manuscritos, que se chamaram, sucessivamente, Fato sobre a contingência, Melancolia, até que, finalmente, para fins de publicação, em 1938, por sugestão de Gaston Gallimard (que seria, daquele momento em diante, o editor de Sartre), foi intitulado A Náusea. (p. 54)

O romance é apresentado por Sartre no formato de um diário narrado por Antoine Roquentin, um historiador viajante que está em uma pequena vila Francesa pesquisando sobre um político Francês do século XVIII chamado Marquês de Rollebon. Durante sua narrativa, Roquetin apresenta diversos eventos do cotidiano de sua vida, coisas comuns como ir a um café, á biblioteca ou até mesmo ouvir uma música (SARTRE, 1983). Essas situações do cotidiano passam a intrigar Roquetin quando ele se vê tomado por uma sensação que chama de “A náusea”, e a descreve como uma experiência desagradável, uma “metamorfose insinuante e delicadamente horrível de todas as sensações” (SARTRE, 1983, p. 21).

Roquetin começa apresentando como uma experiência peculiar e pequena, através de objetos com os quais tem contato, afirma que tem a sensação de que os objetos “o tocam”, como uma pedra que vai jogar ao mar, e ao toca-la sente “uma espécie de enjojo adocicado” (SARTRE, 1983 p.23). Aos poucos, essa sensação deixa de pertencer apenas aos objetos e começa a atingir também os ambientes que Roquetin frequenta. Um momento em que expressa grande tensão e revolta é quando está no que dizia ser seu “único refúgio” (SARTRE, 1983, p. 32), um café, e começa a sentir a Náusea. O refúgio então passa a ser uma música chamada “Some of these days”, que faz com que ele entre em contato com sua imaginação e aos poucos a Náusea passa (SARTRE, 1983).

Com o decorrer da narrativa, Roquetin começa a ter dificuldade em se reconhecer, se olha no espelho e não vê expressões humanas, não consegue encontrar sentido em seu rosto e nem em seu corpo. Com isso, passa a levantar questionamentos, buscando compreender porque se sente dessa forma. Questiona sua forma de viver e sua forma de se relacionar. Através desses questionamentos percebe que não se relaciona com ninguém e a única pessoa com quem conversa, é um estudioso que encontra na biblioteca quando faz suas pesquisas. Começa a descrever seu viver, o seu dia-a-dia, como um tédio, vê os hábitos das pessoas da vila em que mora como burgueses mergulhados em pequenos problemas que o enjoam. As coisas passam a não fazer mais sentido (SCHNEIDER, 2006).

Em uma busca pela razão do que lhe ocorre, Roquetin começa a reviver sua vida, pensando em tudo o que passou, as aventuras, viagens, paisagens, brigas e mulheres. De repente, todo seu passado não lhe trazia mais nada, nem mesmo a sensação de conforto que sentia há tempos atrás, pelo contrário, causavam-lhe náusea da mesma forma que todas as outras coisas (SARTRE, 1983). Com essas reflexões percebe que esse sujeito aventureiro lhe parece alguém distante, alguém com o qual ele não se identifica mais. Segundo Schneider (2006), Roquetin nunca “Havia experimentado o sentimento, como agora, de ser alguém sem dimensões secretas, reduzindo-se a ser somente seu corpo. Compelido ao presente, preso nele, não consegue fugir de estar frente a si mesmo” (p. 56).

Através de suas reflexões, Roquetin passa a sentir como se tivesse se enganado por boa parte de sua vida, passa a questionar seu passado e suas decisões. Assim, traz um novo significado interno a tudo que ele já havia vivido, percebe então que o futuro determina o passado, pois é quem nos tornamos que nos trará a visão de quem éramos (SARTRE, 1983). Para Schneider (2006) é nessa passagem que Sartre apresenta sua concepção de Temporalidade

Conforme a qual passado, presente, futuro estão imbricados numa dinâmica temporal inseparável. No entanto, o que confere sentido à existência, definindo o significado dos acontecimentos passados, é o futuro que, segundo o existencialista, concretiza-se através do “projeto de ser”. (p. 56)

A questão que se percebe então no romance é que o que está em jogo é justamente o projeto de ser do personagem, e essa náusea que ele sente é um questionamento desse projeto de ser, é um questionamento do que ele construiu em sua trajetória. Percebe aos poucos que construiu um passado com poucas referências afetivas e passa a ter dificuldade em vislumbrar um futuro dentro dessas condições. Passa a querer coisas que nunca imaginou que fossem para ele. Assim Roquetin passa a buscar sua verdadeira identidade, quem ele quer ser, buscando definir um novo “projeto de ser” para ele (SCHNEIDER, 2006).

Inicialmente, o personagem busca refúgio em seu trabalho, a escrita através da pesquisa, mas percebe que esse trabalho já não o satisfaz mais, já não o define ou completa. Essa conclusão acaba por trazer uma Náusea ainda mais forte, pois sem o trabalho ficam ainda mais dúvidas de quem ele é e o que realmente quer (SCHNEIDER, 2006). Segundo Schneider (2006), Roquetin percebe aos poucos a gratuidade da existência, entendendo que “viver não é necessário, mas sim um ato contínuo de escolha, assim como os objetos, que não são necessários, mas contingentes” (p. 57).

Através do questionamento do que poderia fazer com o seu ser, Roquetin busca coisas de seu passado, como uma namorada, uma das poucas pessoas com a qual criou algum vínculo. Ele entende através do contato com ela, que não faria de fato sentido eles estarem juntos e se liberta de algumas de suas amarras do passado. Percebe através desse contato que deseja um compromisso, deseja criar vínculos e construir novas ideias de futuro. Se da conta então de sua liberdade, percebendo que ninguém irá lhe dizer quem ou o que deve ser, e a decisão do seu “projeto de ser” cabe apenas a ele (SCHNEIDER, 2006).

A grande mudança vem quando Roquetin reflete sobre a música que sempre inquieta sua Náusea. Percebe que a música tem o objetivo de justificar a existência da cantora, e aos poucos percebe “que também precisa fazer algo de concreto no mundo que justifique sua existência” (SCHNEIDER, 2006, p. 58). Ainda segundo Schneider (2006)

A canção exerceu, no romance, importante função terapêutica. Foi ela a mediadora das reflexões críticas de Roquetin, que lhe permitiram superar as perturbações psicofísicas, as emoções

(náusea), os impasses psicológicos – que nada mais eram do que expressões da perda de sentido de ser, engendrada pela espontaneísmo e pela solidão em que se lançara – viabilizando a redefinição de seu projeto. (p.58)

Dessa forma, podemos entender o processo terapêutico vivenciado por Roquetin em *A Náusea*. Trazendo uma autorreflexão sobre a liberdade do ser e suas inúmeras possibilidades. Quando Roquetin se vê diante dessa liberdade de se construir, inicialmente se assusta, sofre com a Náusea, mas aos poucos percebe a importância de conhecer essa liberdade e assumir o papel de dono de seu projeto, dono de seu ser (SCHNEIDER, 2006).

Através desse romance, Sartre mostra um pouco sua visão de um processo Psicoterapêutico, quando o personagem retoma seu “projeto de ser e tornar-se sujeito de sua história e de sua vida” (SCHNEIDER, 2006, p. 59). Dessa forma, a função da psicoterapia seria a de trazer o cuidado da pessoa de volta a ela mesma, trazendo a responsabilidade pelo seu ser, suas ações e atitudes. A pessoa então percebe sua liberdade e se apropria dela, assumindo o papel de dono de sua história e de suas decisões. Sartre mostra, através desse romance, elementos essenciais em uma intervenção psicoterapêutica, segundo Schneider (2006) “Sua psicanálise existencial fornece, no entanto, uma teoria e uma metodologia fundamentais para se pensar a psicologia clínica em novos moldes” (p. 60).

4. Considerações finais

Durante as pesquisas realizadas para esse trabalho, é possível compreender que a Psicologia Fenomenológico-existencial é uma abordagem recente dentro da Psicologia, sendo apresentada como uma terceira corrente, que surgiu como uma crítica às visões anteriores e com ideias amplas e abertas acerca do ser e de tudo que o envolve.

O fato dessa terceira corrente da Psicologia ser recente traz certa dificuldade no que se refere à busca de material e principalmente de casos clínicos com esse embasamento. Dessa forma, trabalhos e pesquisas na fenomenologia-existencial se mostram extremamente importantes e podem trazer grandes contribuições para atuação do profissional que escolhe seguir essa abordagem. Apesar da certa escassez, existem estudiosos de referência e uma forte ascensão e crescimento dessa abordagem. Por esse motivo é de extrema importância promover estudos através dessa perspectiva.

Pensando especificamente em uma perspectiva Psicológica Sartreana, a escassez de material é ainda maior, porém a compreensão e a atuação na clínica se fazem mais presentes a cada dia. A atuação por um viés fenomenológico-existencial, principalmente de Sartre, apresenta conceitos amplos e de grande abertura frente ao sujeito. Essa visão busca trazer o sujeito de volta a ele mesmo, busca investigar junto ao paciente quem ele foi, quem ele é e qual o seu projeto-de-ser.

Ademais, é possível compreender o qual atual, importante e aplicável é o conceito de liberdade para Sartre. Em um processo terapêutico, entender o projeto-de-ser de uma pessoa e apresentar a ela as possibilidades de escolhas e suas consequências, para que ela se aproprie assim de sua liberdade, pode trazer grandes mudanças na vida e na forma de ser-no-mundo dessa pessoa.

O fato de se compreender como responsável pelos seus atos e por suas escolhas, pode por vezes trazer angústia, mas traz também um domínio do ser, uma apropriação de si mesmo. Sartre não deixa de lado o que o mundo apresenta ao sujeito, pois sua história e o contexto em que vive ou viveu também são importantes em sua construção, à questão é o que fazemos com a nossa história, como se construímos nela.

5. Referências

- ALMEIDA, Jorge Miranda & VALLS, Alvaro L. M. – *Kierkegaard* - Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2007
- DARTIGUES, André - *O QUE É A FENOMENOLOGIA?* - EDITORA MORAES, 32 Edição, 1992.
- DUTRA, Elza, - *Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Estudos de Psicologia 2004, 9(2), 381-387
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo & MATTAR, Cristine Monteiro - *A Fenomenologia como Método de Investigação nas Filosofias da Existência e na Psicologia*. Psicologia: Teoria e Pesquisa Out-Dez 2014, Vol. 30 n. 4, pp. 441-447
- FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo – *A escuta e a fala em psicoterapia, uma proposta fenomenológico-existencial* – IFEN, segunda edição, 2010
- FEIJOO, A.M. L. C. – *OS FUNDAMENTOS DA CLÍNICA PSICOLÓGICA NA FILOSOFIA DE SOREN KIERKEGAARD* - Revista da Abordagem Gestáltica - XIII(1): 111-124, jan-jun, 2007
- GOTO, Tommy Akira – *Introdução a Psicologia Fenomenológica, a Nova Psicologia de Edmund Husserl* - Editora PAULUS, 2008
- INWOOD, Michael – HEIDEGGER – Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2004
- KAWAHALA, Edelu; SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. *Uma leitura acerca da imaginação em Sartre*. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 23, n. 1, p. 123-125, abr. 2017 . Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672017000100013&lng=pt&nrm=iso>.
- MÉZÁROS, István. *A Obra de Sartre, busca da Liberdade e Desafio da História* – tradução Rogério Bettoni – São Paulo: Boitempo, 2012.
- PENNA, Antonio Gomes - *Sobre os fundamentos históricos e conceituais da psicologia existencial: acerca das contribuições de Kierkegaard* - Artigo apresentado à Redação em 20.12.84. Arq. bras. Psic., Rio de Janeiro, 37(2):8-15, abr,fjun. 1985
- RENAUD, Vinícius - *Comunicação: O conceito de “liberdade” em O Ser e o Nada de Sartre: um recorte a partir do fazer, do ter e do ser*. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.8, p.294-300 – 2º sem. 2013. ISSN: 2177-6342
- SARTRE, Jean-Paul *A Náusea*. Europa-Americana 4º edição, 1983.
- SARTRE, Jean-Paul. *IMAGINAIRE, L' - FOLIO ESSAIS* - Vol. 47 1ª Ed., 1986.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul (1973). *Huis Clos suivi de Les Mouches*. 1886, France. Ed. Folio

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. A Náusea e a Psicologia Clínica: Interações entre a literatura e a Filosofia em Sartre. Estudos e Pesquisas em Psicologia - Sistema de Información Científica Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal, 2006.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Novas perspectivas para a psicologia clínica: um estudo a partir da obra Saint Genet: Comédien et Martyr, de Jean-Paul Sartre*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, 2002.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. Liberdade e dinâmica psicológica em Sartre. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 283-314, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000200002&lng=pt&nrm=iso>.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Sartre e a psicologia clínica*. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. p. 290.